

O trabalho informal e o trabalhador precarizado

Roberta Passos¹

Entrevista

A entrevista desta pesquisa foi realizada no centro de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. A escolha por entrevistar o senhor R.A., justifica-se devido à sua história de vida, sua luta para continuar trabalhando e conseguir sustentar sua família. O mesmo se mostrou um pouco tímido e envergonhado ao saber que seria entrevistado, e ao decorrer das perguntas realizadas.

O senhor R. A., tem 51 anos de idade, do sexo masculino, possui ensino médio incompleto, reside no município de Itaboraí, trabalha como despachante de van e trabalhador autônomo (camelô), possui uma união estável e quatro filhos.

Começamos a falar de sua infância, que por sinal, foi bem difícil, pois nasceu no estado da Bahia e ao completar três anos seus pais vieram com ele para o Rio de Janeiro para tentar trabalhar. Conseguindo uma estabilidade, as dificuldades não paravam, pois, sua mãe teve mais filhos e seu pai se tornou alcoólatra, por esse motivo ele teve que começar a trabalhar muito cedo para ajudar em casa, o privando de dar continuidade aos estudos. Desde muito novo já havia trabalhado de várias formas, entregando mercadorias, vendendo balas, sorvete entre outras formas de trabalho informal.

Desta forma, só conseguiu finalizar o ensino fundamental, aos 40 anos tentou fazer o supletivo e terminar o ensino médio, mas ainda não conseguiu, parou no terceiro ano, por causa da falta de tempo. Passados uns cinco anos resolveu se atualizar em alguns cursos de informática básica para melhorar um pouco seu currículo, e não chegou a pensar ainda na possibilidade de fazer ensino superior.

Seu último trabalho como adolescente foi vendedor de sorvete, após essas experiências ao chegar na juventude começou a trabalhar também como vendedor, mas em lojas que vendiam malas, sapatos, papelaria, eletrodomésticos entre outras do mesmo ramo. Dado isto, sua vida inteira foi trabalhar como vendedor, sua última experiência era em uma loja de eletrodomésticos que estava falindo, antes de ser mandado embora e a loja decretasse falência, o mesmo recebeu de um amigo a proposta de trabalhar pra ele

¹ Aluna de pós-graduação *Latu Sensu* em Pedagogia Social para século XXI na Universidade Federal Fluminense (UFF)

como despachante de uma linha de van, como a proposta parecia ser boa, pois antigamente havia muitas vans rodando na linha, o mesmo resolveu tentar. Então, ele saiu da loja, e ao passar um mês da sua saída decretou falência.

Quando começou a trabalhar nas vans percebeu que podia montar também uma barraquinha, já que ficava parado sempre no mesmo lugar, e assim o fez, e deu certo. Na sua barraquinha, iniciou vendendo doces e bebidas por um bom tempo, após a retirada de algumas vans da linha por causa da troca de governador e proibição de circulação, ocorreu uma queda nas suas vendas, então, o mesmo decidiu vender também churrasco, fez muito sucesso, mais preferiu parar porque o obrigava a trabalhar o dia inteiro, pois, pela manhã bem cedo devia comprar, montar os materiais e espetos para o churrasco, na parte tarde trabalhava com as três coisas, e só chegava em casa as 23h da noite, o que o deixava extremamente cansado.

Com sua renda mensal como camelô e despachante o senhor R.A. sempre conseguiu sobreviver na medida do possível, após a redução do número de vans em uma quantidade extremamente absurda, de 15 vans na linha, para apenas duas vans, após a legalização. Essas condições prejudicaram suas vendas e também a vida de quem mora no bairro para o qual essa van vai, que é um lugar bem distante e com condições extremamente precárias de transporte público. Como vimos anteriormente, o mesmo complementou sua renda com a venda de churrasco, atualmente, nem isso conseguiria fazer, por causa da quantidade de circulação de pessoas, não obteria muito lucro, sua saída foi arranjar outro bico para fazer. Pela manhã o mesmo está trabalhando em um depósito de doces e bebidas como estoquista e entregador. Na parte tarde monta sua barraquinha e anota o horário das vans. Se não fosse esse bico estaria passando por grandes dificuldades agora e teria que conseguir outra coisa para fazer.

Apesar do senhor R. A. achar as condições de trabalho precárias, cansativa e insegura por causa do local, dos perigos da rua e pela falta de estabilidade, disse não ter se arrependido das escolhas fez, achou que conseguiu melhorar um pouco sua vida, sua casa. Como havia se divorciado e depois casou novamente, teve que reconstruir toda sua vida do zero, já possuía dois filhos, do primeiro casamento e atualmente em sua segunda união teve mais dois filhos. Então tudo contribui para que sua despesa aumentasse, e exigiu que ganhasse um pouco melhor para poder dar conta de tudo, passou por muitas dificuldades, mais aos poucos conseguiu colocar sua vida em ordem. Conseguiu limpar seu nome, terminar a obra da sua casa, mobilhá-la com moveis mais confortáveis e até

realizar um grande sonho, que era tirar a carteira de motorista, e com a ajuda do seu amigo e patrão, conseguiu comprar seu primeiro carro.

O mesmo define como uma insegurança trabalhar com vans e como camelô, pois, entra governo e sai governo e vivem ameaçando tirar as vans de circulação, ou prometendo sua continuidade, e como depende dos passageiros das vans para conseguir trabalhar, depende da permissão de circulação das mesmas. Se não fosse essa constante insegurança ele pretenderia continuar por mais um tempo trabalhando neste ramo, até conseguir terminar uns planos que tem.

Hoje olhando para trás o entrevistado não mudaria nada, pois a vida não me lhe outras escolhas, o que ele fez foi sempre tentar sobreviver com a experiência que teve, contando com sua boa saúde e força de vontade.

Contextualização da entrevista: O trabalho informal e o trabalhador precarizado

Com base na entrevista acima, constatamos a presença de diversas realidades, e outros temas a se debater, como por exemplo a migração interna no Brasil ocorrida também no século XX, e sobre ela, começar a tecer detalhes sobre como vive uma pessoa que fez essa migração etc., porém, o que chamou atenção foi uma questão mais atual, que diz respeito ao trabalho informal que cresce cada vez nos dias atuais. Pois identificamos os embates, riscos, possíveis benefícios entre outros aspectos.

A partir disso iniciamos nossa discussão com a seguinte afirmação: “O território não existe e nem se forma fora do campo da existência humana”. GONÇALVES (2000, p.113).

Neste contexto segundo Gregório (2002, p.12), percebemos que o território enquanto determinante das dinâmicas sociais extingue ou transforma o membro nele contido. Assim, o território passa a ser o elemento fundamental para a compreensão dos fenômenos sociais.

Desta forma, as cidades caracterizam-se como um espaço privilegiado onde se acirram as diferenças e contradições existentes na sociedade, é nela que ocorrem as relações sociais, na maioria das vezes, particulares e complexas, que determinam a formação de várias classes sociais. A cidade capitalista é um exemplo bem claro dessa divisão social, sendo um espaço com uma nova dimensão social no que diz respeito aos aspectos econômicos, populacionais e territoriais caracterizado por relações conflituosas entre as classes sociais.

Dentro desta cidade podemos perceber ao longo do tempo o aumento expressivo do trabalho informal, composto por trabalhadores que não conseguiram sua inserção completa nos setores da produção moderna, da economia capitalista, principalmente nos países subdesenvolvidos. Pode-se observar que o rápido crescimento das cidades nos países subdesenvolvidos não significa aumento de postos de trabalho, o que favoreceu a informalidade.

Segundo Chahad (1998, p. 403 apud GREGÓRIO, 2002), pode-se caracterizar o setor formal e o setor informal como:

“Mercado formal de trabalho, o qual contempla as relações contratuais de trabalho, em grande parte determinadas pelas forças de mercado, ao mesmo tempo que são objeto de legislação específica que as regula. Em contraposição, existe o chamado mercado informal de trabalho, onde prevalecem regras de funcionamento com um mínimo de interferência governamental”.

Assim percebe-se a cidade como lugar da venda da força de trabalho, caracterizando-se a exploração do capital sobre o trabalho tanto no setor formal como informal.

As relações contratuais de trabalho são uma forma de garantir aos trabalhadores os seus direitos, porém acaba fazendo parte de um cenário antagônico, pois os trabalhadores têm que aceitar a imposição dos seus empregadores, pois o modo como está estruturada a sociedade não lhes coloca outra opção.

A partir da compreensão deste referencial, podemos ter clareza quanto à constituição do mercado informal na economia capitalista moderna. Demonstrando claramente as contradições entre burguesia e proletariado, mostrando-se como um fruto do desenvolvimento capitalista, sendo a forma encontrada por um grande número de trabalhadores excluídos do mercado formal de trabalho, de assegurar sua sobrevivência através da inserção informal no mercado de trabalho.

Isto, indica um complexo processo de exclusão social, que se faz presente por causa da dinâmica capitalista de produção. Segundo GREGÓRIO, (2002), o processo de inclusão social no capitalismo passa pelo mercado que, devido à globalização, é altamente competitivo. Desta forma, a situação que leva ao trabalho informal é marcada pela precariedade do emprego, ausência de qualificação e uma grande incerteza quanto ao futuro.

Fatos esses, que aconteceram com o entrevistado dessa pesquisa, o senhor R. A., quando iria perder seu emprego de carteira assinada, seu único modo de garantir sua sobrevivência naquele momento foi inserindo-se no trabalho informal, pois não havia muitos empregos disponíveis e não possuía muitos estudos para conseguir algo rápido e melhor.

Segundo CAVALCANTI *apud* GONÇALVES (2000, p.36):

“O setor informal contribui para a solução do problema do emprego, proporcionando ocupação a pessoas que de outro modo não teriam onde trabalhar. Sua contribuição em termos de renda, todavia, é medíocre, uma vez que concentra pessoas sem qualificação profissional, na grande maioria dos casos, as quais, participam de um mercado amplamente competitivo. É assim, que na verdade, os grupos sociais que correspondem à pobreza extrema, estão inseridos no contexto das atividades informais. Estas com suas características de emprego autônomo e intermitente, de diminutas unidades de produção (microempresas) e de ausência de proteção jurídica e institucional, representam no fundo um recurso para que trabalhadores urbanos sem outras alternativas possam sobreviver”.

Entretanto, o que pode ser observado no cotidiano é que os excedentes populacionais à margem do mercado de trabalho representam importante contribuição em termos de renda.

Segundo Gregório, (2002, p. 18) o autor Harvey (1976) afirma que a cidade cria um excedente social na forma de força de trabalho que supera as necessidades básicas com vistas a entender as necessidades biológicas, sociais e cultural do grupo social. Consequentemente, a parcela populacional que não é absorvida pelo processo produtivo formal engaja-se em outra atividade que lhe garante a sobrevivência, constituindo um mercado informal de trabalho.

Diante dessas análises, estabelecemos uma relação entre o trabalho informal e o conceito de precariado, entendido por Braga como o “proletário precarizado”² destaca:

“A necessidade de definir os limites gerais do precariado nos obriga também a diferenciá-los dos setores profissionais, ou seja, aqueles grupos mais qualificados, mais remunerados e, por isso mesmo, tendencialmente mais

² Caracterizado pelos excluídos tanto do lupemproletariado quanto da população pauperizada. Que Marx chamou de ‘superpopulação relativa’. Para mais detalhes consultar Braga (2012).

estáveis, da classe trabalhadora. Em suma, identificamos o precariado com a fração mais mal paga e explorada do proletariado urbano e dos trabalhadores agrícolas (Braga, 2012, p. 19)”.

O precariado seria composto pela população flutuante, latente e estagnada, em relação ao mercado de trabalho. Que possuiria renda entre, aproximadamente, um e dois salários-mínimos e que, segundo o Braga (2012), possuiria significativa capacidade de mobilização coletiva.

O trabalho desempenhado pelo precariado é, de sua natureza, frágil e instável, andando associado à casualização, à informalização, às agências de emprego, ao regime de tempo parcial. Estes trabalhadores vivem em uma constante insegurança, acabam por se ver tão explorados fora do local de trabalho. Estão sempre sujeitos a flutuações e não dispõem nunca de um rendimento seguro. O precariado encontra-se exposto a incerteza, tendo pela frente uma vida de desconhecidas incógnitas e que possui menos direitos do que todos os demais.

Observamos assim que todas as características apresentadas anteriormente, foram expostas na entrevista. Essas evidências, permitiram-nos relacionar a pessoa que trabalha de maneira informal, como um trabalhador precarizado, pertencente a uma classe, porém ainda não possui uma organização, afim de realizar uma mobilização coletiva, e lutar pelos seus direitos. Isto é, devido a forma como vive, a incerteza de seu trabalho, a exploração que sofre, a falta de segurança, a exclusão social que passa, a falta de qualificação, dentre outros aspectos mostrados no texto.

É evidente que alguns conseguem ascender futuramente, montar sua própria empresa, porém, não são todos, e até chegarem lá, ainda enfrentam muitas dificuldades. Hoje em dia a prefeitura até reconhece alguns desses trabalhadores e permite que trabalhem, outros não conseguiram vaga ou até mesmo não querem. Mas em geral, vemos que a grande maioria vive todos os dias trabalhando muito para sobreviver.

Este trabalho nos ajuda a entender a realidade da sociedade em que vivemos, e o que as pessoas tem feito para tentar trabalhar. Esse é apenas um dos meios encontrados por algumas pessoas para poder se sustentar, manter suas famílias e até mesmo seus vícios. Diante da realidade cruel e excludente que estamos vivendo em nosso país, de uma suposta crise que só atinge as camadas mais baixas da população. Este tipo de trabalho

informal é cada vez maior, mais presente e cruel nos dias de hoje, em que muitos ainda são impedidos rigorosamente de trabalhar.

Referências bibliográficas

BRAGA, Ruy. *A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista*. São Paulo: Boitempo, 2012.

GREGÓRIO, Daniele. *Camelôs, camelódromos e informalidade: um estudo sobre o trabalho informal no comércio de Presidente Prudente*. Monografia, bacharel em ciências sociais. Faculdades Integradas Antônio Eufrásio de Toledo, São Paulo, 2002.

GONÇALVES, Marcelino Andrade. *A territorialização do trabalho informal: um estudo a partir dos catadores de papel-papelão e dos camelôs em Presidente Prudente – SP*. 2000. 224 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

STANDING, Guy. O Precariado e a luta de classes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 103:2014.